

Para Funaro e Sayad, não há dúvidas: esse dinheiro vem mesmo.

O governo brasileiro espera ver aprovado até amanhã seu pedido de financiamento no valor de US\$ 500 milhões, apresentado ao Banco Mundial, para atender a um programa de recuperação do setor agrícola.

A decisão do Bird deveria ter sido tomada ontem, mas foi adiada porque o representante dos EUA quis reexaminar o pedido. Mas os ministros Dílson Funaro e João Sayad garantem que a aprovação é certa.

"Alguns diretores do Banco Mundial mostram-se favoráveis ao nosso projeto, que é muito importante para a política agrícola", comentou Funaro. "A aprovação é tranquila", disse o ministro do Planejamento, que telefonou ontem mesmo para o representante brasileiro junto ao Bird e ficou sabendo que a posição dos EUA não é de intransigência, mas deve-se às pressões do Congresso, já habituais, contra o Brasil.

A interpretação do governo para o pedido de vistas feito pelo representante norte-americano no Bird é de que os EUA procuram sinalizar de todos os modos possíveis para o Brasil. Na semana passada, votavam contra um financiamento de US\$ 400 milhões para o setor elétrico brasileiro; ontem, pediu vistas; e nesta quarta ou quinta-feira, espera-se uma terceira atitude, a abstenção de voto.

Esse posicionamento, natural-

mente, seria uma forma de protesto e pressão por causa da decisão brasileira de não negociar a reserva de mercado para o setor de informática e também de não aceitar negociar o setor de serviços no âmbito do GATT.

Os parlamentares norte-americanos entendem que os Estados Unidos não podem votar favoravelmente a um empréstimo para financiar o desenvolvimento agrícola de uma economia concorrente que, além do mais, concede largos benefícios e incentivos fiscais às exportações para outros países.

O secretário-geral da Seplan, Henry Philippe Reichstul, chama a atenção para o fato de o programa de recuperação da agricultura, a ser desenvolvido este ano, já ter levado em conta o empréstimo a ser contratado junto ao Banco Mundial, e a sua não aprovação poder comprometer os investimentos previstos de Cz\$ 20 bilhões.

Entretanto, Reichstul considera que não existe o risco deste comprometimento de investimentos, porque o próprio representante norte-americano do Bird já levantou a hipótese de não votar contra o empréstimo para a agricultura, tal como aconteceu na semana passada, durante a apreciação de um empréstimo também de US\$ 500 milhões para o setor elétrico.

A posição norte-americana seria de abstenção na quinta-feira.

Safras

No entanto, nenhum dos integrantes do governo soube explicar quanto tempo irá levar todo o processo de liberação dos novos recursos do Bird. E os produtores parecem preocupados com essa demora. Ontem, em Porto Alegre, o presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Ary Faria Marimon, disse que o possível adiamento da liberação dos US\$ 500 milhões que o Banco Mundial iria destinar à comercialização das safras agrícolas brasileiras só irá agravar uma situação que já está posta e que, por si mesma, é "muito séria". Segundo ele, a comercialização do arroz, especialmente, está totalmente "trancada" no Estado porque, de um lado, as indústrias não têm interesse em formar estoques — os preços estão congelados, a estocagem significa custos e os industriais só compram o que vão efetivamente processar — e, de outro, o governo não tem liberado recursos suficientes para "enxugar" a oferta e garantir o abastecimento. Somente neste mês, disse o presidente da Farsul, o governo deveria ter colocado no Rio Grande do Sul Cz\$ 3,5 bilhões para a comercialização de safras. No entanto, liberou só duas parcelas de Cz\$ 350 milhões cada. A terceira parcela, de Cz\$ 400 milhões, Marimon não sabe se sairá.

"Logo depois do Plano Cruzado", acrescentou o empresário rural, "eu falei ao ministro Funaro (da

Fazenda) que, com o congelamento dos preços agrícolas, o governo teria de mandar dinheiro em vago para os Estados, porque seria praticamente o único comprador das safras. O dinheiro não veio e não está vindo, e toda a comercialização do arroz está parada, com os produtores arcando com os custos de estocagem".

O arroz, segundo ele, é o produto que está em pior situação porque, ao contrário da soja — cuja baixa de preços imobilizou o mercado naturalmente — e do milho — que só será comercializado mais tarde —, está exigindo pronta comercialização. "Se antes já não tínhamos dinheiro nos níveis suficientes só se pode esperar que as coisas piores com esta prorrogação do Banco Mundial", acrescentou.

Para o diretor do Departamento de Planejamento Agrícola (Depa) da Secretaria da Agricultura gaúcha, economista Ademir Cristóvão Guns, US\$ 500 milhões "significam 11% de todo o crédito agrícola brasileiro previsto para este ano, o que é algo muito expressivo. Um valor destes representaria um grande alento para o setor agrícola", Guns observou, no entanto, que pelas informações extra-oficiais de que dispunha o empréstimo do Banco Mundial se destinaria à formação de infra-estrutura agrícola, e não especificamente à comercialização.